

Ensino de Jornalismo para os direitos humanos: a aprendizagem com a experiência dos jornalistas¹

Alice Mitika KOSHIYAMA²
Universidade de São Paulo, São Paulo SP.

Resumo

Este texto reúne depoimentos de práticas profissionais que comprovam a importância do jornalismo na vida cotidiana e se contrapõe a discursos que celebram a morte do jornalismo. Destacamos Alberto Dines, Elvira Lobato, Caio Cavechini, Leonardo Sakamoto, Caco Barcellos. Contamos perspectivas críticas da história da imprensa do tempo presente e a ação desses jornalistas nas condições da sociedade hoje. Mostramos situações que demonstram a luta dos homens e mulheres pelos direitos humanos na sociedade com o uso do jornalismo.

Palavras-chave

jornalismo e ensino; jornalismo e direitos humanos; jornalismo-documentário; história do jornalismo-Brasil.

Introdução

Lembro de 1967, quando entrei no curso de Jornalismo da ECA-USP, então Escola de Comunicações Culturais, era fascinada pelo mito do jornalista, pessoa poderosa que fala verdades, luta pela justiça e observa situações vetadas a maioria. Era o mito que estimulou a busca de conhecimentos sobre a vida real.

Encontrei o professor José Marques de Melo, jovem vindo de Recife e totalmente dedicado a formar uma biblioteca básica para o curso e elaborar textos para aulas -- e um desses textos foi o A Técnica do Lead (MELO, 1972), caderno definido como “ato subversivo”, após inquérito sumário conduzido por membros da USP e que motivou o enquadramento no Decreto no. 477 e propôs a sua demissão do emprego na ECA-USP.

Marques de Melo acreditava que jornalismo tinha de ser ensinado, naquelas condições políticas quando havia censuras explícitas a nomes de personagens convidados pelo curso para avaliar a conjuntura nacional. E quando fundou a INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), em 1977, eu estava no pequeno

¹¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²² Docente do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes e do POSCOM Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Coordena Grupo de Pesquisa O Jornalismo e a Construção da Cidadania

grupo que acreditava na importância de compartilhar experiências e listas de publicações de textos pertinentes à área de comunicação e que Melo distribuía aos primeiros associados da INTERCOM em folhas datilografadas e grampeadas.

O anos passaram. E os estudiosos de jornalismo no Brasil hoje podem contar com relatos de experiências de pesquisadores, de professores e de jornalistas envolvidos com o compartilhamento de suas obras. Jornalismo é um campo de pesquisa acadêmica. Estuda-se jornalismo como atividade constitutiva do estado democrático de direito. Como campo de construção de conhecimento, com técnicas especializadas, princípios éticos e perspectivas do seu uso nos processos de comunicação de uma sociedade capitalista.

Pesquisas e experiências comprovam o uso de todos os meios de comunicação para o exercício do jornalismo. Toda inovação tecnológica poderá ser incorporada a prática do jornalismo, o que não é uma perspectiva inusitada. Desde o princípio da história assim foi. A comunicação sempre incorporou novos equipamentos, novas tecnologias em todos os momentos da história. Observamos a linha do tempo sob diferentes possibilidades: o do mensageiro nas histórias gregas, ao uso do papel e da impressão com tipos móveis de Guttenberg, linotipos, rotativas, os audiovisuais, computadores, celulares, tablets, as tecnologias que aceleram a circulação e a distribuição da informação.

Espaços de aprendizagem: as associações de jornalistas

Hoje o ensino da profissão é um processo que demanda a competência de selecionar os meios de aprendizagem. O campo teórico sempre se enriquece com as contribuições das práticas profissionais e as análises suscitadas pelos trabalhos executados pelos jornalistas, principalmente pelos repórteres. Um espaço de aprendizagem informal se constitui.

É importante contar com o trabalho permanente de associações de pesquisadores e de profissionais focados no debate dos temas do exercício do jornalismo. As ações desenvolvidas agregam valor e trazem informações críticas e autocríticas sobre o que é fazer jornalismo, suas produções e os obstáculos interpostos a atividade do jornalista no dia a dia. Eles formam acervos que podem ser acessados pelos interessados e podem também ser usados em aulas de cursos de jornalismo.

Destacamos o Observatório da Imprensa <<http://observatoriodaimpresa.com.br/>>, liderado por Alberto Dines. Jornalista atuante há 60 anos, Dines criou o Jornal dos Jornais, em 1975, o Jornal da Cesta, em 1977, e o próprio Observatório, em 1996. Os vinte anos de trabalho do Observatório da Imprensa tem sido elogiados em vários depoimentos.

<http://observatoriodaimprensa.com.br/category/observatorio-da-imprensa-20-anos/>.

Os vinte anos frente ao Observatório é a razão da outorga a Alberto Dines do Prêmio Abraji de Contribuição ao Jornalismo pela ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=3511 no seu congresso anual. Lido por sua esposa, a jornalista Norma Couri, o discurso agradecimento de Dines critica a imprensa atual como formadora de “midiotas”, mas lembra que há exceções.

A ABRAJI reúne nos congressos anuais competentes jornalistas e especialistas que atendem demandas para formação permanente para a profissão, analisam trabalhos importantes feitos na área e promovem a defesa questões da categoria e debatem informações sobre questões legais, éticas e técnicas. Foram feitos 11 Congressos, com a participação de jornalistas do Brasil, dos Estados Unidos e da América Latina.

A Abraji começou a tomar seu formato definitivo em 7 de dezembro de 2002, durante o seminário “Jornalismo Investigativo: Ética, Técnicas e Perigos”. O evento foi organizado pelo Centro Knight de Jornalismo nas Américas, da Universidade do Texas, dirigido pelo jornalista brasileiro Rosental Calmon Alves. Ao final do encontro, os participantes decidiram criar no Brasil uma instituição parecida com a **IRE** (Investigative Reporters & Editors), dos Estados Unidos, ou o Centro de Periodismo de Investigación, de profissionais mexicanos. <http://www.abraji.org.br/?id=78>

Anualmente, a ABRAJI escolhe um profissional para receber a homenagem pelo conjunto de sua carreira. Em 2016, foi a jornalista Elvira Lobato, que lembrou sua vida orientada pelo envolvimento com o fazer jornalístico: Apesar do início desanimador: no meu primeiro dia no curso de Jornalismo em Minas Gerais, um professor disse que o jornalismo tinha morrido. Ela fez o curso e define-se como uma jornalista: “curiosa, perfeccionista e perseverante”. Ganhou em 2008, o Prêmio Esso de Jornalismo pela reportagem "Universal chega aos 30 anos com império empresarial", publicada em 15 de dezembro de 2007, pelo jornal Folha de S.Paulo, que revelou a potencia financeira que é a Igreja Universal do Reino de Deus. E sofreu 116 processos abertos pelos fiéis da Universal, em diversos estados do Brasil, e segundo a advogada Taís Gasparian, com um único texto de acusação. A jornalista teve o apoio da empresa para se defender, ganhou todas as causas. E fez a triste descoberta: mostrar sempre a verdade não é uma garantia para não ser processada. Desanimada e esgotada, decidiu pedir aposentadoria. (Documentário, 2016 https://www.youtube.com/watch?v=nLOBATO,Elvira7y2_QNeunc)

Mas a repórter não desistiu. Lembramos a autora do Instinto de Repórter (LOBATO, 2005) livro que relata como era ser repórter. Voltou ao trabalho como

jornalista independente, com o apoio à pesquisa da Fundação Ford e da Agência Pública. A reportagem, em projeto multimídia, “TVs da Amazonia uma realidade que o Brasil desconhece” foi publicada em 1 de fevereiro de 2016, no site da Agência Pública (Agência de Jornalismo Investigativo).

A Pública é uma agência independente de jornalismo investigativo que produz reportagens de interesse público e livre reprodução (creative commons), a partir de eixos temáticos: os impactos dos megaeventos esportivos; tortura e violência dos agentes do Estado; megainvestimentos na Amazônia; crise urbana; e empresas e violações de direitos humanos. <<http://www.apublica.org/tvsdaamazonia/>>

Elvira Lobato confirmou a proposição de que é o jornalista que faz o jornalismo de qualidade persistir, com apoiadores a altura. Vejamos o texto de abertura de TVs DA AMAZÔNIA:

Amazônia Legal é gigante em todos os sentidos. São nove estados que representam 56% do território nacional. Grande parte da região é coberta por florestas, o acesso aos municípios é difícil. E as comunicações de modo geral são precárias.

O que torna as televisões na região diferentes é uma legislação especial que permitiu a proliferação de miniemissoras de TV aberta que produzem conteúdo local.

No resto do país, as retransmissoras apenas captam a programação das geradoras e a retransmitem, sem nenhuma interferência no conteúdo. Afinal, segundo a lei, geradoras são empresas de televisão com concessão da União para produzir conteúdo de comunicação de massa. As concessões, aprovadas pelo presidente da República e referendadas pelo Congresso Nacional, são válidas por 15 anos, renováveis por iguais períodos. Já as retransmissoras não passam de equipamentos (decodificador e transmissor) ligados a uma antena. As outorgas são mais simples, dadas por portaria pelo ministro das Comunicações apenas.

Mas na Amazônia, graças a um lei de 1978, elas podem criar conteúdo próprio. O decreto do então presidente, general Ernesto Geisel, permitiu que retransmissoras situadas em “regiões de fronteira de desenvolvimento” fizessem inserções locais na programação. Dez anos depois, Antônio Carlos Magalhães, ministro das Comunicações do governo Sarney, definiu que essas áreas seriam a Amazônia Legal. Segundo o ex-secretário Executivo do Ministério das Comunicações Rômulo Villar Furtado, ACM assinou a portaria a pedido do empresário Phellipe Daou, um dos fundadores da Rede Amazônica, afiliada da Globo no Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima e Amapá. “Poucos empresários se mostravam dispostos a investir em TV em áreas remotas. Uma forma de atraí-los era dar autonomia financeira às retransmissoras, deixá-las gerar conteúdo para auferir algum recurso com publicidade local”, disse Furtado.

A portaria permite até 3 horas e meia por dia de programação própria. Esse é o caso de 1.737 canais espalhados por 742 municípios no Pará, Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, Tocantins, Maranhão e Mato Grosso. Nessas localidades, ter uma retransmissora equivale a ter uma emissora de televisão: com logomarca, estúdio, apresentadores, repórteres e dinheiro entrando no caixa com a venda de anúncios. Um quinto desses canais pertence a políticos. Empresários e igrejas também brigam para ocupar esse espaço.

Na Amazônia Legal, as TVs locais ganham vida.
<<http://www.apublica.org/tvsdaamazonia/#>>

E como acontece a sustentação do trabalho jornalístico nesses locais, quem são os jornalistas presentes nessa realidade? A reportagem de Lobato mostra detalhes da formação dos jornalistas no interior da Amazônia. Sem alimentar corporativismos estreitos, Lobato detalha um universo de prática de ensino e exercício profissional que não imaginávamos existir. Vejamos:

“Jornalista de nível médio: Quem é esse profissional da Amazônia?/ Cursos de curta duração formam pessoal para emissoras do interior”

Enquanto nas capitais o movimento sindical luta para a volta da obrigatoriedade do diploma universitário de jornalismo, o interior da Amazônia Legal vive outra realidade.

No Maranhão e no Pará surgiu a categoria de jornalista de nível médio, formado em cursos de capacitação curtos, fora das universidades. Muitos ganham pouco mais do salário mínimo nas emissoras e vendem anúncios para completar a renda. Élbio Carvalho, repórter da TV Mirante, é o fundador do Instituto Brasileiro de Estatística, Cultura, Educação e Comunicação (Ibecec), com sede em São Luís. Até julho de 2015, o Ibecec já havia formado cerca de 220 jornalistas de nível médio no interior do Maranhão. As aulas ocorrem aos sábados e ocupam o dia todo. No final do curso, de quatro meses de duração, os alunos recebem um certificado para requerer o registro na Delegacia Regional do Trabalho em São Luís (...). A DRT do Maranhão reconhece o certificado do Ibecec como válido e tem dado os registros profissionais. Mas o Sindicato dos Jornalistas não os aceita como associados. O conflito está formado. Douglas Cunha é presidente do sindicato e diz que segue as determinações da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que só reconhece profissionais graduados pelas faculdades de comunicação. O sindicato tem engavetado os pedidos de sindicalização desses profissionais.

Escola da igreja em Belém

Em Belém, o jornalista e padre italiano Cláudio Peguim, naturalizado brasileiro, dirige a Escola Papa Francisco, mantida pela Igreja Católica, que também forma jornalistas de nível médio. O ensino começou no final dos anos 90, de forma precária. No início, era itinerante e as aulas eram dadas a jovens carentes na periferia de Belém. O curso tem duração de um ano, com um total de 1.200 horas, incluindo estágio. Já formou mais de 500 alunos. Segundo o padre, o foco da escola não é viabilizar o registro profissional no Ministério do Trabalho, mas muitos alunos foram absorvidos pelo mercado de trabalho.

Bronca do sindicato:

Em 2000, o Sindicato dos Jornalistas do Pará protestou contra a iniciativa junto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), mas o curso prosperou mesmo assim e foi reconhecido pelo Ministério da Educação. “Levamos muita bronca do Sindicato dos Jornalistas porque, naturalmente,

as empresas pagam salário menor aos nossos alunos. Mas o problema não é o curso. São as empresas. Nós fazemos o nosso papel. O papel dos sindicatos é fiscalizar as empresas”, diz o padre. Roberta Vilanova, presidente do Sindicato dos Jornalistas do Pará, resume sua posição sobre o assunto: “Sempre fomos contra, e não apoiamos o desenvolvimento de qualquer tipo de formação técnica. A gente defende a formação de nível superior para o jornalismo. Esses cursos técnicos enfraquecem a nossa luta pela obrigatoriedade do diploma”.

Sinuca de bico” no Maranhão

No Estado do Maranhão, só há faculdades com cursos de jornalismo na capital e em Imperatriz. Uma está distante da outra cerca de 630 Km. Os jornalistas da capital, segundo Douglas Cunha, não se dispõem a trabalhar no interior, em razão dos baixos salários e do custo da mudança. O desemprego é grande na capital, mas ninguém quer ir para o interior. O sindicato tem 498 jornalistas cadastrados, mas um grande parte deles está fora do mercado. Segundo Douglas, há projeto para organizar a categoria no estado que prevê abrir sindicatos no interior. Mas ele admite que isto não resolveria o problema, porque os sindicatos do interior tampouco admitiriam o ingresso de profissionais sem o diploma

Alinhamento político

O sindicato não tem informações precisas sobre os casos de agressão a esses jornalistas do interior. “Quando tomamos conhecimento de ameaças, entramos em contato e cobramos apuração policial. Mas há um complicador: estes jornalistas, em sua maioria, trabalham em emissoras de políticos, vestem a camisa do político e atacam os adversários durante os programas nas emissoras. Eles criam problemas para eles mesmos”, acrescenta. O sindicato, segundo Douglas defende esses profissionais quando são vítimas de agressão. “Mesmo não os considerando jornalistas, o sindicato sai em favor deles. Caso contrário, os agressor vai se achar no direito de agredir qualquer jornalista. Não é a defesa daquela pessoa, mas dos jornalistas “, prossegue o presidente do sindicato. (...)

Jornalista provisionado

Élbio Carvalho diz que os formados pelo Ibecec são registrados como jornalistas de nível médio mesmo que tenham outros diplomas universitários em outras áreas. “O STF derrubou a obrigatoriedade do diploma, mas o candidato tem de comprovar que sabe fazer jornalismo. O Supremo delegou ao Ministério do Trabalho a tarefa de estabelecer os critérios para concessão do registro. As delegacias regionais do MTE do Maranhão e do Tocantins aceitam comprovante de qualificação de nível médio”, afirma Élbio. Os alunos do Ibecec recebem registro de jornalista “provisionado”. Esse registro era muito usual no anos 80 – depois que o decreto 83.284 de 1979 tornou o diploma obrigatório – para regularizar a situação dos que já estavam no mercado e não se enquadravam na nova legislação. “A figura do jornalista provisionado nunca acabou”, diz Élbio.

Orgulho na formatura

Prefeitos, vereadores, padres e pastores prestigiam as festas de formatura. Os formandos, vestidos com suas becas, posam para fotos com suas famílias. A

Academia Pinheirense de Letras abriu seu salão, em abril de 2015, para a festa de formatura de 18 alunos do Ibecec na cidade de Pinheiro, a cerca de 300 km da capital. Três meses depois, uma outra turma se formou na cidade de Zé Doca (316 km da capital). A diplomação foi na Igreja da Matriz, com missa solene e com presença de formandos residentes em vários municípios vizinhos. Algumas prefeituras que têm retransmissoras de televisão pagam parte das despesas para os jornalistas frequentarem as aulas do Ibecec. A de Coelho Neto forneceu o transporte para cinco jornalistas frequentarem o curso em Caxias, a 85 Km de distância.
<<http://www.apublica.org/tvsdaamazonia/jornalista-de-nivel-medio-quem-esse-profissional-da-amazonia/>>

Organização para promover o jornalismo e os direitos humanos

Pelo trabalho de permanente de seus líderes, principalmente de Leonardo Sakamoto, acompanhamos o crescimento da organização Repórter Brasil <<http://reporterbrasil.org.br/>> em suas campanhas contra o trabalho escravo. Idéia de um grupo de jovens jornalistas e cientistas sociais, e mantida com doações e com uma diretoria de voluntários, que trabalham em outros locais para o seu sustento, a organização tem como meta combater o trabalho escravo, no âmbito nacional e internacional. No Brasil, as reportagens surgem para apoiar e divulgar as ações contra o trabalho escravo. Nas autuações feitas pelos fiscais do Ministério do Trabalho, as multas não intimidam os criminosos e os jornalistas dos meios de comunicação dos locais do evento recebem ameaças ao publicar o que acontece. Repórter Brasil comunica para o mundo as informações, via site e estimula a republicação dos dados e o uso em campanhas para coibir as infrações.

E como os jornalistas defendem os direitos humanos com seus trabalhos? O tema avaliado por Leonardo Sakamoto no Congresso da Abraji (25/06) é posto como parte de um sistema que se organiza para impedir a vivência dos direitos. O que leva aos que buscam a defesa dos direitos a planejar ações de médio e longo prazo, e avaliar seus aliados em cada processo. É o que Sakamoto chama de reconhecer a transversalidade dos direitos humanos. É preciso prever o lugar do jornalismo no sistema social, não há a notícia, o acontecimento que possa ser isolado e avaliado em si. Isso fica mais claro quando Caio Cavechini expõe sua relação com o jornalismo no Profissão Repórter. E como a descoberta de temas que vão render um filme essencial para uma interpretação da história, da relação entre os micros acontecimentos do dia a dia e um projeto social maior leva Cavechini a atuar com a equipe da Repórter

Brasil, como foi em Carne e Osso e JACI - Sete Pecados de uma Obra Amazônica. No debate sobre o papel do jornalista na defesa dos direitos humanos ficou a noção de que as possibilidades são múltiplas conforme a inserção dos profissionais nas organizações não governamentais e no mercado de trabalho. O paradoxo é que o ideal de lutar pelos direitos humanos não funciona o tempo todo como fonte de sustentação financeira dos jornalistas.

A história da organização Repórter Brasil mostra como o seu crescimento aconteceu, a medida em que houve clareza sobre como realizar seu objetivo central. Destacamos alguns pontos de sua apresentação ao público:

A Repórter Brasil – Organização de Comunicação e Projetos Sociais foi fundada em 2001 por jornalistas, cientistas sociais e educadores com o objetivo de fomentar a reflexão e ação sobre as diversas situações de injustiça presentes em nossa sociedade, tanto nos casos de flagrante desrespeito aos direitos humanos, como nas condições sociais e estruturais sub-humanas de vida. A organização possui quatro eixos de atuação: jornalismo social, projetos de educação e comunicação, combate à escravidão e pesquisa sobre agrocombustíveis.

A ONG tem sido uma das principais organizações a atuar no combate ao trabalho escravo no Brasil e a pautá-lo na mídia e nos debates da opinião pública. A Repórter Brasil atua em parceria com outros veículos de comunicação para a publicação de notícias, artigos e reportagens. Com isso, tem contribuído para o aumento da incidência desse tema na grande mídia.

(...)

A Repórter Brasil possui também uma forte atuação política junto a governos federais e estaduais, ao Congresso Nacional, Justiça e Ministério Público pela aprovação de leis, a implementação de ações e o cumprimento da legislação que permitam o combate ao trabalho escravo no país. A Repórter Brasil foi responsável pela relatoria do 2º Plano Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo e é um dos membros mais atuantes tanto na Comissão Nacional para a Erradicação do Trabalho Escravo quanto no Comitê de Coordenação e Monitoramento do Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo. Também participou, como uma das organizações representantes da sociedade civil, da comissão interministerial que elaborou o Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. Possui um importante papel internacional, agindo junto a instituições e governo estrangeiros na promoção do trabalho decente.

(...)

A Repórter Brasil passou a gravar o “Vozes da Liberdade”, programa de rádio semanal da organização, em parceria com a Rádio Brasil Atual em 2009. Com isso, o conteúdo do programa também está sendo utilizado para compor o programa jornalístico que a Brasil Atual mantém todos os dias pela manhã (das 7h às 8h) na Terra FM (98,1 MHz). Além disso, em 2009, foi fortalecida parceria com a Revista do Brasil, publicação mensal voltada para a classe trabalhadora que mantém tiragem de 360 mil exemplares. Representantes da ONG Repórter Brasil são chamados para participar de debates e palestras sobre a dedicação ao jornalismo social e temas correlatos.

(...)

Por fim, o trabalho de pesquisa acadêmica e formação da Repórter Brasil ultrapassou há muito tempo as fronteiras nacionais. A organização é considerada um respeitado “think tank” sobre o tema de trabalho escravo, sendo convidada por universidades e governos, dos Estados Unidos e da Europa, para dar cursos, palestras ou mesmo consultoria na elaboração de leis. Também tem sido convidada para apresentar as boas práticas no combate a esse crimes em diversos país, como o Paquistão e a Alemanha. No Brasil, participa de forma sistemática da capacitação de agentes públicos responsáveis pela efetivação dos direitos trabalhistas, como juízes, procuradores, auditores, policiais. <<http://reporterbrasil.org.br/quem-somos/historia/>>

Cavechini, por trabalhar na TV Globo recebeu convite da colega programadora que buscava documentários externos para exibir. Enviou então o filme feito com a Repórter Brasil, que dirigiu com Carlos Juliano Barros, Carne e Osso, um retrato do trabalho massacrante da empresa frigorífica. O documentário lançado em 2011, foi mostrado na Globo News em 2013, e sua gravação completa e perfeita está na internet, em Carne Osso – COMPLETO<https://www.youtube.com/watch?v=imKw_sbfaf0>

Carne e Osso retrata a gestão da empresa na atualidade e é um vídeo importante para a área da saúde e segurança do trabalho. Mostra a vida dos trabalhadores dos frigoríficos atrás de esteiras, que impõem o ritmo de seu trabalho, em tarefas repetitivas, como desossar frangos. Os movimentos são previamente organizados, controlados e padronizados (são cerca de 3 vezes mais movimentos por minuto que o limite seguro). A busca pelo aumento da produtividade e as péssimas condições de trabalho são queixas constantes ao longo do documentário. “Eles querem aumentar mais ainda a produção sem aumentar o número de funcionários e sem pagar hora extra”, reclama um deles. Problemas muito mais comuns nesses ambientes: tendinite, dores musculares, doenças mentais, depressão, As chances de acidente de trabalho são multiplicadas. E os médicos das empresas, costumam ser negligentes com a gravidade os problemas dos funcionários. Dão remédio para a dor apenas, e deixam que a situação da doença provocada pelo trabalho chegue ao ponto de ser irreversível. Relatam os funcionários, quando a empresa percebe os problemas de saúde, que afetam a capacidade para o trabalho, acontece a demissão. No filme exibido pela Globo News em 2013, há um complemento informando que em abril de 2013 o Ministério do Trabalho baixou a Norma Regulamentadora no.36 para o trabalho em frigoríficos. A N. R. no.36 regulamenta condições de trabalho nas áreas de abate e processamento e visa prevenir e diminuir doenças profissionais, e foi elaborada depois de ouvir as empresas e os trabalhadores. <https://www.youtube.com/watch?v=imKw_sbfaf0>

Mas a fiscalização é precária. Poucas pessoas trabalham como fiscais do Ministério do Trabalho. O que dificulta a aplicação da N.R.36. Paulo Cervo, auditor fiscal do Ministério do Trabalho e do Emprego, reconhece a necessidade de ter mais fiscais para impor mudanças na organização do trabalho. Propõe uma reorganização pois “as empresas precisam reprojeter essas tarefas. Introduzir pausas, para que exista uma recomposição dos tecidos. Em algumas é preciso diminuir o ritmo de produção.”

<<https://www.passeidireto.com/arquivo/3218489/resumo-documentario-carne-e-osso>>

Jovens jornalistas no Profissão Repórter da TV Globo

Questionado sobre o grau de liberdade em seu trabalho na TV Globo, Caco Barcellos que criou o **Profissão Repórter** disse: “Nunca gostei de ser mandado. Então eu vou fazendo as coisas.” Caco Barcellos destaca a independência para atuar, como a principal condição para ter a credibilidade, manter o nível de audiência do programa e ter a aceitação do público para o seu trabalho e o de sua equipe. Com mais de 60 anos de idade, “Caco Barcellos lidera pelo exemplo no trabalho e não pela autoridade de ser o chefe”, diz Caio Cavechini, de 27 anos, atual editor-executivo da equipe do Profissão Repórter. O programa semanal da TV Globo emprega jovens jornalistas, repórteres entusiasmados pela profissão. Para Barcellos, há muito trabalho para se fazer. “Porque nós vamos aonde os outros não vão, fazendo o trabalho mais antigo, a reportagem pura, com gente simples.” Ele se preocupa em dar dicas para iniciantes e conversa e troca idéias <<http://globoplay.globo.com/v/2494391/>>, Rosenthal Calmon Alves, professor da Universidade do Texas, mediador da conversa sobre Profissão Repórter, no Congresso da ABRAJI 2016, destaca o ineditismo do trabalho desenvolvido pelos jornalistas brasileiros no programa de reportagens. Para Cavechini, Barcellos inova também na organização do trabalho e não impõe uma rotina de compartimentação do trabalho, e que permite ao repórter participar de todas as etapas da matéria. E Barcellos considera Cavechini “o jornalista síntese de tudo que imaginávamos: conhece as tecnologias a fundo, traz idéias incríveis e tem um envolvimento total com a história que desenvolve.” Profissão Repórter realiza suas matérias buscando os acontecimentos de fato. A permanência no local do evento por mais tempo é a regra para ver e ouvir o que estiver ligado com o lugar e os participantes. Usa-se também informações produzidas pelos protagonistas dos eventos, compartilhando cenas e vozes dos seus celulares, com dados inacessíveis para o jornalista. Este foi o caso da cobertura das eleições de 2012 para a prefeitura de Dom Cavati, no Estado de Minas Gerais, cuja eleição de 2008 acusou empate e o eleito foi o candidato mais velho. Em 2012, Cavechini acompanhou as eleições para prefeito durante tres semanas, em uma cidade polarizada entre PT e PSDB. Os eleitores eram amigos e alguns eram parentes que apoiavam candidatos de partidos rivais, mas não houve brigas ou incidentes mais pesados. Caio esteve em velórios, festas, cerimônias religiosas, escolas, bares, restaurantes e clubes, convivendo com os eleitores em todos esses ambientes, e finalizou com a apuração dos votos. <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2012/10/apostas-e-rivalidade-esquentam-o-clima-das-eleicoes-no-interior-do-pais.html>>. Em outras situações, o trabalho para TV Globo não permite observações tão longas e minuciosas.

Cavechini lembrou que nem sempre conseguem estar onde deveriam. E nem sempre gostou do que viu na tela da televisão a respeito de um fato. Há casos em que voltou ao lugar como membro do Profissão Repórter e falou com os que viveram os acontecimentos, como em Jirau, 2011. Fez uma coleta de imagens e falas para fazer um documentário, compartilhou as imagens gravadas pelos trabalhadores em seus celulares e pode prescindir de imagens captadas pela televisão. Ficou na cidade de Jaci e gravou os trabalhadores lá. Pode usar esses dados no documentário elaborado com o seu grupo de jornalistas, pesquisadores e técnicos da equipe da Repórter Brasil. Lançado em 2015, JACI - Sete Pecados de Uma Obra Amazônica é um produto que pode ser exibido na televisão, em vídeos, em aulas, e é resultado do uso das tecnologias digitais modernas e portáteis.

Como um jornalista consegue manter a independência, sobreviver e fazer trabalhos de qualidade? “É importante ter um projeto, ter foco nos assuntos, dominar e usar adequadamente os recursos da tecnologia e articular relações de parceria com a rede de distribuidores do produto,” -- explicou Cavechini, no 11o. Congresso da ABRAJI no debate sobre Profissão Repórter 10 anos

O documentário revela o sistema contra os direitos humanos

Eis como [Repórter Brasil](#) anuncia “JACI - Sete Pecados de Uma Obra Amazônica”, feita sob a direção de Caio Cavechini e Carlos Juliano de Barros:

Acompanhamos durante 4 anos a construção da usina de Jirau, no meio da floresta Amazônica. Seguimos os operários durante a greve de 2011, com imagens internas que só eles poderiam captar. E registramos as transformações na pequena Jaci Paraná, vila de pescadores próxima à obra que viveu um boom demográfico, econômico e de costumes.

(...).

A revelação dos bastidores da construção de Jirau, uma das maiores usinas hidrelétricas do Brasil mostra:

Uma construção faraônica que alojou 25 mil operários em meio à floresta amazônica. Uma obra que custou R\$ 15 bilhões e consumiu mais de dois milhões de metros cúbicos de concreto para barrar o imponente rio Madeira, em Rondônia. Um processo de licenciamento que custou a cabeça da linha de frente do Ibama. Um empreendimento que despertou ambições, paixões, iras e deixou muitos corações partidos na ex-pequena vila de Jaci Paraná, a 90 quilômetros de Porto Velho.

(...)

Jaci Paraná, comunidade de pescadores que viu sua população quadruplicar com a chegada usina, é o palco do filme. É lá que os trabalhadores encontram o alívio das tensões da obra e para onde milhares de pessoas foram atraídas na esperança de conseguir um emprego ou prestar serviços. Entre elas, centenas de prostitutas, que também migraram de outras cidades e estados.

Jaci pulsa com as transformações provocadas pela usina e é onde os principais atores dessa trama amazônica se encontram.

(...) O longa-metragem toca em temas bastante atuais como a ausência de controle sobre empreiteiras que executam obras públicas bilionárias, a crise de representação sindical, a precarização do trabalho decorrente da terceirização e a transformação da Amazônia por mega obras de infraestrutura.

O filme estreou na seleção do festival “É Tudo Verdade” – um dos mais prestigiados do gênero – e foi exibido em festivais e exposições especiais por todo o país, como na vila que empresta o nome ao filme, Jaci Paraná, em Rondônia.

<<http://reporterbrasil.org.br/2015/04/a-vida-dentro-de-uma-mega-obra/>>

Um dos pontos relevantes da difusão do documentário foi a exibição dele para a comunidade dos protagonistas da história, conforme relato no texto **Documentário sobre os impactos das hidrelétricas é exibido em Jaci –Paraná**. A exibição do documentário Jaci – Sete Pecados de uma Obra Amazônica, em Porto Velho, reuniu no dia 29/05 na escola Cora Coralina, no distrito de Jaci-Paraná e no 30/05, no Audicine do Sesc, na capital, representantes de comunidades atingidas e autoridades do estado em debate sobre os impactos sociais provocados pela construção das duas hidrelétricas do rio Madeira.

O diretor da obra, Caio Cavechini, esteve no debate e deixou um recado para a comunidade. “Documentem, gravem, registrem. Não deixem de documentar, de ter nas mãos as histórias de vocês. Toda mobilização depende de uma boa história e uma boa narrativa, nem a Globo pode derrubar”, encorajou e deixou uma cópia do filme com o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente para seja exibido em outras oportunidades e para variados públicos.
<<http://cdca-ro.org.br/site/index.php/documentario-sobre-os-impactos-das-hidreletricas-e-exibido-em-jaci-parana/>>

Considerações finais

Jornalistas nos ensinam que uma perspectiva teórica sobre a prática do jornalismo é essencial para apoiar a ação dos profissionais. Mas a relação entre o que acreditamos ser o jornalismo e o mundo em que se vive é dinâmica e mutável, é um processo permanente, desigual e combinado. Explicamos a seguir esse processo.

Elvira Lobato fez bem em não acreditar no seu professor de jornalismo, no primeiro ano do curso, que anunciava a morte da profissão. Ela vive o jornalismo como prática de descoberta permanente do que as pessoas foram, são, gostariam de ser, dá-lhes a palavra, organiza as narrativas, desenvolve a curiosidade em preencher as lacunas das falas,

examina o mundo em que os seres humanos vivem e convivem. Mulher com o seu diploma de curso superior de jornalismo, mas dotada de sabedoria para ver o uso da informação possível para os que buscam os cursos de ensino médio para jornalistas no vasto território da Amazonia. Porque o que acontece deve ser mostrado, narrado, que o seja da melhor forma possível.

Caco Barcellos, em Profissão Repórter, faz um projeto de apoiar jovens jornalistas para reportar o que acontece em locais e com pessoas comuns em situações de rotina. Mostra que o modo de pensar e agir das pessoas está embotado. Ao jornalista cabe despertar a curiosidade, aguçar o olhar, relacionar o que se passa com o que aconteceu antes e poderá se repetir, mostrar o singular como parte de um processo, partir do detalhe para desvendar o todo.

Caio Cavechini, que atua com Caco Barcellos no Profissão Repórter e colabora na Repórter Brasil, percebe a importância do jornalismo como processo de avaliar o mundo. Mas é algo complexo, que a noção de observador começa por olhar os fatos relevantes visíveis para a construção de narrativas que demonstrem o invisível que não se percebe. O jornalismo existe para capturar um modo de ser, um estado de coisas, uma calamidade pública, uma expressão de violência. O jornalista organiza e revela pelas imagens, pelos sons, pela palavras, o que consegue capturar, dar-lhes verossimilhança. Mas ele, jornalista, não tem o dom da onisciência e da onipresença e por isso deve estar continuamente redefinindo seus métodos de captação da informação.

A consciência das possibilidades do jornalismo como instrumento de luta pelos direitos humanos está na compreensão de que o jornalismo em si enfrenta limitações. O jornalista Leonardo Sakamoto soube ver a necessidade de estar em vários lugares para promover os direitos humanos. O sistema montado pela Repórter Brasil comprova a importância de uma ONG, com objetivos éticos e políticos claros, com apoiadores e financiadores definidos, e com a visão de jornalismo como meio de informação sobre o mundo que se pretende mudar. O jornalismo precisa ter credibilidade enquanto narrativa de fatos e de interpretações pesquisadas e comprovadas do que acontece.

Carne e Osso, documentário feito para Repórter Brasil, teve consistência informativa para ter um espaço na série de documentários jornalísticos da Globo News. O filme ao ser mostrado em cidades de empresas frigoríficas, adverte aos trabalhadores sobre os riscos da atividade para a saúde dos trabalhadores. Depois houve a promulgação da

Norma Regulamentadora no. 36 para segurança e saúde no trabalho, em 2013. Mas o sistema de fiscalização é precário pela carência de fiscais do Ministério do Trabalho.

O mais recente documentário da Repórter Brasil, Jaci -- Sete Pecados de uma Obra Amazônica, lançado em 2015, teve um dos pontos de partida na insatisfação de Caio Cavechini com a cobertura da revolta e do incendio de Jirau para a televisão. No documentário de 2015, ele usa o registro das cenas gravadas pelos trabalhadores em seus celulares, e por ele compartilhadas, ao invés de usar o que a televisão tinha mostrado.

Os autores estudados e os trabalhos vistos comprovam a importância do jornalista como mediador entre fatos e suas significações no espaço e tempo. Conforme os critérios éticos, técnicos e políticos, determinados fatos poderiam não ser mostrados ou sofreriam outras interpretações. Para ter a independência em seus projetos e manter uma relação com outros espaços de trabalho e divulgação de suas atividades, a ONG Reporter Brasil conta na sua equipe com voluntários não remunerados, que sobrevivem de atividades fora da organização. São os jornalistas que podem trabalhar em condições que eles decidem, nos ritmos e nas possibilidades que lhes permitem fazer dignamente os seus projetos. De qualquer modo, eles precisam fazer um produto de qualidade para os padrões do mercado para serem respeitados como profissionais de obras que podem ser compartilhadas e promover os direitos humanos

Referências

ABRAJI - Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo <<http://www.abraji.org.br/>>

BARCELLOS, Caco; **Caco Barcellos fala da importância da observação**. 02/04/2013. Disponível em <http://globoplay.globo.com/v/2494391/>

BARCELLOS, Caco e CAVECHINI, Caio. **10 Anos de Profissão Repórter**, 11o. Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo. São Paulo, ABRAJI, 23/06/2016.

CAVECHINI, Caio. **Apostas e rivalidade esquentam o clima das eleições no interior do país**. (cobertura eleições em Dom Cavati -Estado de. MG., TV Globo -Profissão Repórter). 9/10/2012. <<http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2012/10/apostas-e-rivalidade-esquentam-o-clima-das-eleicoes-no-interior-do-pais.html>>

CAVECHINI, Caio e SAKAMOTO, Leonardo. **O papel do jornalista na defesa dos direitos humanos**. 11o. Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo. São Paulo, ABRAJI, 24/06/2016.

CAVECHINI, Caio e BARROS, Carlos Juliano (diretores). **Carne Osso - COMPLETO** <https://www.youtube.com/watch?v=imKw_sbfaf0>

CAVECHINI, Caio e SAKAMOTO, Leonardo. **O papel do jornalista na defesa dos direitos humanos**. 11o. Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo. São Paulo, São Paulo, ABRAJI, 24/06/2016.

Centro de Defesa da Criança e do Adolescente de Rondonia (CDCA Maria dos Anjos). **Documentário sobre os impactos das hidrelétricas é exibido em Jaci –Paraná**. 01/06/2015, Porto Velho. Disponível: em <<http://cdca-ro.org.br/site/index.php/documentario-sobre-os-impactos-das-hidreletricas-e-exibido-em-jaci-parana/>>

DINES, Alberto. **Prêmio Abraji de Contribuição ao Jornalismo**. ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) <http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=3511>

LOBATO, Elvira. **Documentário homenagem a Elvira Lobato**. 11º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo 2016. https://www.youtube.com/watch?v=n7y2_QNeunc

LOBATO, Elvira. **Instinto de Repórter**. São Paulo: Publifolha, 2005.

LOBATO, Elvira. **TVs da AMAZONIA**, (reportagem), publicada 01/02/2016, disponível <<http://www.apublica.org/tvsdaamazonia/>>

MELO, José Marques de. **A Técnica do “Lead”**. 2a. ed., São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, 1972.

Observatório da Imprensa. <<http://observatoriodaimprensa.com.br/>>

Pré-visualização. Documentário Carne e Osso.(resumo e comentário do filme). Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/3218489/resumo-documentario-carne-e-osso>>

PUBLICA <<http://www.apublica.org/>>

Repórter Brasil <<http://reporterbrasil.org.br/>>

Repórter Brasil. **A Vida dentro de uma mega obra**. Revolta, paixões, ambição, mortes. Documentário revela os bastidores da construção de Jirau, uma das maiores usinas hidrelétricas do Brasil. , Disponível em <<http://reporterbrasil.org.br/2015/04/a-vida-dentro-de-uma-mega-obra/>>

Repórter Brasil. **Trailer do documentário “JACI, sete pecados de uma obra amazônica”**, 2015. Disponível em <<https://vimeo.com/121632702>>

A Técnica do “Lead”. Documentação do processo sumário feito no âmbito da Universidade de São Paulo e cuja conclusão propôs a demissão do autor por ato subversivo -- publicação e difusão do texto em anexo (aplicação do Decreto no. 477 1969). Cópia digitalizada em pdf. Disponível <<http://www.coronelismoeletronico.com.br/wp-content/uploads/2015/11/5885fa284f5272faa8aa8f1d7d41fc3d.pdf>>